

Comunicação: **TEMPO/ACELERAÇÃO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO**

Ruth M. Chittó Gauer\*

Professora do PPGH - PUCRS.

Pesquisadora CNPq. E-mail: [chittó@pucrs.br](mailto:chittó@pucrs.br)

As mudanças históricas e a percepção da aceleração do tempo e do esquecimento, são temas que preocupam os intelectuais desde o século XIX. O mundo “estático” da idade Média foi, gradativamente dando lugar ao fluxo da modernidade. Nesse processo o fluxo torna-se rei, como afirmou Heráclito, ou tornou-se rei de alguma forma no pensamento ocidental moderno. Os homens do século XIX estavam muito mais conscientes que seus antecessores sobre a aceleração da vida moderna. Segundo Baumer<sup>1</sup> “*O próprio Arnol falava na pressa doentia do seu tempo, que ele ligava aos objetivos divididos. A característica mais saliente da vida, nesta última parte do século XIX, é a velocidade, observou outro inglês, em 1875, e a velocidade, embora fosse excitante, restringia o lazer, que permitia que os homens reflectissem sobre o valor e finalidade do que faziam*”. O século XIX com sua pluralidade de estilos foi unificado, sem dúvida, pela velocidade imprimida no período. Essa velocidade que se iniciou já nos finais do século XVI, teve sua aceleração nos finais do XIX. O tempo ganhava uma aceleração até então desconhecida. A valorização da vida terrena assim como a crença na linearidade, a expansão das certezas científicas, e a Revolução Industrial com suas novas tecnologias, os novos veículos, levavam os homens a pensarem que seria possível construir o futuro pelo viés do progresso. Com essa aceleração o devir tomava o lugar do ser. Na intimidade da alma ocidental, dessa época, o tempo passava a passar cada vez mais rápido. A técnica, oriunda do conhecimento científico, imprimiu através da aceleração uma velocidade uma nova forma de se tratar com o tempo.

A técnica, oriunda do conhecimento científico, muito contribuiu para essa sensação de velocidade. Octávio Paz<sup>2</sup> critica a posição de Marshall MacLuhan, por este ter atribuído à imprensa a transformação ocorrida no Ocidente, refere que a afirmativa é infantil e afirma: “não são as técnicas, mas a conjugação de homens e instrumentos que transformam uma sociedade”. Seguindo a reflexão de Paz podemos concluir que os homens da modernidade criaram condições para viverem nesse tempo cuja aceleração, resultados das certezas científicas, parece terem redimensionaram o mundo.

Os homens do XIX embora não vivessem a velocidade do século XX, já haviam percebido o deslocamento do eixo cósmico da terra para a luz (velocidade). Esse deslocamento foi iniciado desde o período da expansão marítima dos séculos XV e XVI. Os pintores europeus do século XVII, ao tentarem captar a luz, retrataram muito desse deslocamento. A nova cosmovisão, no entanto, se fez sentir principalmente após a Revolução Industrial se intensificando nas primeiras décadas do século XX. Neste sentido, não se pode prescindir da análise da velocidade (tempo) pois seria também prescindir, da análise da forma como a sociedade vive hoje essa aceleração. É, pois, deste tipo de inquietações que parto. Parto ainda de um pressuposto, que a aceleração é hoje, fundamentalmente, o cerne do debate sobre a sociedade do século XX. Refiro-me — com o apoio de Virilio — que àquela vertente do conceito de “velocidade” que emergiu com visível fulgor no âmbito das reconfigurações paradigmáticas multidirecionais, da física pós relatividade, que tem sido enfocada pelo olhar das ciências exatas, atingem todos os campos de saber. Aqui centra-se a minha hipóteses de trabalho.

Primeiramente, convém lembrar de duas questões: a primeira refere-se ao enfoque que estamos dando a questão da velocidade/tempo; o que quer que o tempo (velocidade) tenha sido, ele não pode ser pensado, hoje, fora daquilo que ele atualmente é: configura o ritmo social que está imprimido. O que quer dizer que, mais do que estudar as vicissitudes históricas da velocidade/tempo com o propósito de lhes devolver uma putativa realidade intrínseca, a

história do tempo (velocidade) interessa-me aqui, fundamentalmente, como uma incursão. Uma incursão em direção a um tempo estimado como momento que está "antes de" e cuja inteligibilidade se assume depender dessa localização, dessa anterioridade exponencial. Chamar-lhe-ei *o tempo antes da existência da matéria*, como refere Prigogini<sup>3</sup>. A segunda questão configura-se no limite que enfrentamos ao tratar do tempo na medida em que ciência não é capaz de explicar o fluxo do tempo. Se isso ocorrer talvez pudéssemos deixar de nos inquietar com o futuro e de sofrer pelo passado. Preocupações com o fim, com a morte, com as questões sobre a culpa, e mesmo com as urgências, poderiam desaparecer. O certo é que o ritmo social se altera continuamente, mas ainda não possuímos uma ampla compreensão sobre essa questão.

Por outro lado, a questão da aceleração tem sido referenciada continuamente como um dos problemas para se tratar a questão da história. Quanto mais acelerado o ritmo social maior será a ampliação do presente. O presenteísmo, como referido por Michel Mafessoli, talvez retrate o movimento vivido no mundo atual. Esta questão nos leva a pensar sobre que postura devemos optar, em que pese a opção, pressupõe uma relação entre história e velocidade. A minha convicção, aqui, é a de que, se esta interação está capacitada para questionar a tradicional percepção histórica, não menos acarreta conseqüências de vulto para as formas de desintegração social, que também não sai incólume da sua própria velocidade.

E, é precisamente, desta possibilidade que penso na seguinte hipótese: a de que a insegurança trazida pela velocidade e seu arrojo em incorporar os fatos como parte de si própria, fornece-lhe os elementos necessários para se repensar criticamente, para repensar a atração da velocidade para a sua própria fetichização, ou a aposta na inquietação como forma privilegiada de conhecimento, ou a promoção do hibridismo a bandeira da modernidade tardia de alguns, ou o culto ao presente e ao instantâneo paradoxalmente promovido pelas novas técnicas; bandeira de outros, para repensar, enfim, a consagração da própria velocidade e a "eliminação" do espaço. O filme de Hirtchock, "Festim Diabólico", 1948, foi filmado em tomadas contínuas, ou seja, não editadas, de dez minutos cada uma, nenhum outro filme foi inteiramente produzido usando essa técnica. Hitchcock inventou essa técnica por um motivo específico, para filmar uma história que tinha sido contada sem descontinuidade no tempo. Para muitos dos espectadores o filme pareceu mais longo do que seu tempo de projeção. No filme há uma discrepância entre o tempo real e a percepção do tempo pelo espectador. Assim, o filme ilustra como a experiência de duração do tempo é um construto social.

Paul Virilio<sup>4</sup>, nos dá boas pistas para pensarmos sobre a velocidade/tempo e como a dinâmica social o construiu. O autor, desenvolve seu trabalho como urbanista, teórico da *Dromologia*, (do grego-dromos = velocidade). Na obra citada, a velocidade e o espaço são enfocados a partir da experiência das guerras. A velocidade é vista por Virilio como a alavanca do mundo. Por outro lado, o controle do tempo é remetido a uma análise sobre o poder. Associa as distâncias-espaço às distâncias-tempo e, assim, abre um importante campo de reflexões. Para a compreensão do mundo da velocidade faz-se necessário ver a sociedade não mais vivida de dentro, mas, de modo a sobrevoa-la, como se fosse um espetáculo (ver viagem a lua). Na atual velocidade, o mundo, que não é finito, está chegando a um ponto de instantaneidade nos nossos deslocamentos. Passamos do tempo extensivo da história ao tempo intensivo de um instantâneo sem história. Para o autor, Se o tempo é história, a velocidade é apenas sua alucinação, uma alucinação perspectiva que destrói toda a extensão da cronologia. Nesse sentido os acontecimentos desvanecem-se, perdem-se pois já não há idéias em luta com os fatos, já não pode haver metarelatos. Aparece então a negação do fato real. Os acontecimentos não são aprendidos uma vez que as imagens não se fixam, escapam pela fluidez da velocidade. A popularização da velocidade retira das forças militares, dos políticos, o poder, assim como a velocidade-riqueza não é mais obtida apenas pelos banqueiros ou por alguns poucos que tomam decisões. Há, nesse sentido, uma desconstrução como fruto do recente primado do tempo sobre o espaço. O "vazio" deixado não é preenchido há, nesse caso, uma

---

\* Professora do PPGH - PUCRS. Pesquisadora CNPq. E-mail: [chittó@puers.br](mailto:chittó@puers.br).

ausência de poder que dá lugar ao poder da própria velocidade. Criou-se um novo espaço-tempo. Depois da desintegração nuclear do espaço, da matéria, ocorre a desintegração do tempo da luz. O fato provocará uma mutação cultural onde a profundidade temporal superará a profundidade espacial da perspectiva renascentista. Os nexos estabelecidos, no livro acima mencionado, embasam-se na mutabilidade constante de suas reflexões. Os conceitos trabalhados, com essa plasticidade, ganharam uma expansão a partir das relações estabelecidas com os exemplos citados. Nesse sentido, a *inércia* torna-se um segundo conceito usado para avaliar a capacidade humana, capacidade essa, que é identificada pela imponderabilidade. A possibilidade de análise do imponderável permite apresentar uma outra história do Estado que não se confunde com a reprodução do espaço militar e mesmo civil. Nesse sentido vê a política como energia e o poder como o elemento movido por essa energia. Assim, a ciência política estaria ligada à passagem e à posse.

Para Virilio, vivemos a inércia comportamental devido à velocidade, o declínio das atividades no espaço, e a esclerose dos reflexos ocasionados pelo envelhecimento do mundo, equivaleria dizer o envelhecimento da história. *A velocidade é a velhice do mundo*. A verdade dos fenômenos é sempre limitada pela sua velocidade. Nos mostra ainda as categorias de velocidade, com as quais faz os vetores do poder, podemos aferir que tempo é poder, sob esse enfoque convém lembrar que toda a ação de sucesso está envolvida diretamente com sua velocidade. Esse aspecto revela como a velocidade contemporânea destruiu, como um moinho satânico, qualquer possibilidade de afirmação de uma verdade fixa, baseada nas premissas que construíram os mitos unificadores. A idéia de unificação não pode presidir da idéia de fronteiras, de limites, a racionalidade, a objetividade e a verdade não puderam eliminar todos os seus limites, como diz Rui Cunha Martins<sup>5</sup>, *É bem de uma relação empática que se trata: se a subjectividade é atraída pela fronteira, é porque esta última se constitui em envólucro metafórico da idéia de que a gestão dos limites ou o entendimento das margens como locais incondicionalmente eivados de ponto de vista ocorrem de forma irredutível aos modelos dicotômicos. Sendo metáfora, a fronteira é-o, sobretudo, daquela*. Não há mais fronteiras que permitam pensar o individualismo identitário fechado em si mesmo a exemplo da mônada, tal como pensavam alguns modernos, e com o fim dele é impossível pensar em Direitos Humanos da mesma forma que o instituído pela modernidade.

O tempo/velocidade, hoje, permite dizer que vivemos a tirania do efêmero que leva a incompatibilidade com os direitos humanos e com o tempo democrático em relação ao tempo pré-adquirido e fechado na perspectiva e na futurologia. Esse tempo é sempre aberto oposto ao tempo democrático, ele torna-se sempre posto em causa, é rebelde às projeções quantificadas, às simulações ordenadas, o exemplo mais significativo foi a queda do Muro de Berlim. A vulnerabilidade e a velocidade que os indivíduos se defrontam não permite que eles continuem desenvolvendo, da mesma forma como no passado, às várias memórias, pessoais, familiares, regionais, nacionais e mundiais, a quantidade de informações, de fatos que são divulgados nessa velocidade impedem a organização da memória. A representificação, experiência temporal, indissociável da espacialização, ganha outra dimensão. Assim, como referido pelos homens do século XIX, a velocidade, embora excitante, restringia o tempo do ócio o que possibilita a reflexão sobre o valor e finalidade do que se fazia. Se o século XIX com sua pluralidade de estilos foi unificado pela velocidade imprimida, o século XX conheceu a sua exacerbação. Já não vivemos na idade clássica onde a autonomia responsável, racional, podia ser controlada, hoje, como tributários de uma liberdade aberta, baseada na diversidade e não mais na igualdade. As perguntas que ficam, após essa rápida incursão sobre tempo/velocidade, memória e esquecimento, vinculam-se a preocupação do fim da memória. A velocidade seria mesmo o moinho satânico que destrói a memória? Caminhamos para uma instantaneidade que impede a existência da memória? Seria o fim da história? Poderá ser como o fim, tal como pensada pela modernidade. O tempo que precede a matéria, defendido por Prigogini, não permite que a memória do passado possa ser escrita sem levar em consideração a flecha do tempo, o tempo/velocidade, é a ausência do tempo projetivo. Nessa história não há mais lugar para o encontro dos tempos que esquecem a densidade dos fatos

A velocidade e seu arrojo em incorporar os fatos como parte de si própria, fornece os elementos necessários para se repensar criticamente a atração da velocidade para a sua própria fetichização, assim como a aposta na inquietação como forma privilegiada de conhecimento, ou a promoção do hibridismo, bandeira da modernidade tardia de alguns, bem como o culto ao presente e ao instantâneo paradoxalmente promovido pelas novas tecnologias; bandeira de outros, para repensar, enfim, a consagração da própria velocidade e a “eliminação” do espaço. A velocidade que vivemos promove a anamnese uma vez que a consciência não consegue reter uma quantidade tão grande de informações.

Discutindo *O Mistério da Consciência*, o autor<sup>6</sup>, um dos candidatos ao Nobel de medicina, afirma que para compreendermos a consciência faz-se necessário conhecer o sentimento e a emoção. Conceitua a emoção como sendo as reações que podemos sentir, são reações bioquímicas como os batimentos cardíacos, enrubescimento da face, entre outras. O sentimento seria a maneira como registramos, na mente, o que sentimos na emoção. Tudo o que se sente se passa na mente e, a consciência, é influenciada pelo fato que estamos vivos. A história seria as emoções vividas e sentidas? Como reviver sentimento e emoções? Ou os mistérios da consciência estão também relacionados com a consciência do **eu**. Existe, na concepção do autor, um primeiro **eu**, o proto-**eu**, que está vinculado as representações que temos do nosso organismo. Afirma que temos no cérebro uma representação de todo o nosso organismo. Usou o exemplo das bonecas (russas e polonesas) que são constituídas para entrarem uma dentro da outra. Seria o equivalente a representação de todo o nosso corpo (pele, vísceras etc), nosso corpo esta representado no cérebro.

O segundo, o **eu** nuclear, possui duas imagens e se vincula ao sentimento, é a noção que existimos o exemplo usado pelo autor é o de uma janela, o aqui, o agora, quando uma pessoa é atingida por certas doenças, como por exemplo a esquizofrenia, a pessoa perde parte ou toda essa noção. O historiador seria o esquizofrênico que tenta reviver a identidade de outros? Explica a integração entre a emoção e o sentimento, a pessoa já não sente pensa e processa. Há duas imagens: a) a do filme no cérebro que é complexo e reduz o eu nuclear. Tudo está integrado e não se vê defasado na metáfora do filme Ex.: os filmes de Felini; b) a consciência que o filme é meu. É o sentido do pertencimento, a mente nos pertence.

O terceiro, o **eu** autobiográfico, essa noção se liga a temporalidade: passado, presente e a noção do futuro. O eu autobiográfico está ligado a construção da memória, portanto a uma concepção e compreensão de tempo. Requer memória do passado e do futuro as duas ligadas constrói a identidade, o que somos. No caso da esquizofrenia há uma quebra na unidade do **eu**, o esquizofrênico não tem a noção que é dono do filme. É nessa construção do **eu** que inclui a temporalidade, que nos torna humanos. O eu autobiográfico não pode ser eliminado sob pena de retirarmos ao vínculo fundamental do que nos torna humano. Nesse caso, a história, mesmo que individualizada permanece em que pese a velocidade dos novos ritmos sociais.

Se as pesquisas de Damásio estão corretas não há razão sem emoção. A compreensão de razão, tal como construída na ciência moderna, caí por terra. A supervalorização da razão seria um artificialismo que mutilou, e muito, a compreensão dos aspectos bio-psico-sociais. As conseqüências desse enfoque sobre a neuroanatomia do cérebro, leva a concluir que a lógica cartesiana esta ultrapassada. A consciência, para o autor<sup>7</sup>, “é um fenômeno inteiramente privado, de primeira pessoa, que ocorre como parte do processo privado, que denominamos mente. A consciência é a mente, porém, vincula-se estreitamente a comportamentos externos que podem ser observados por terceiras pessoas”. Com essa premissa, Damásio encaminha a discussão sobre o privado e o público. A correlação entre mente, comportamento e cérebro, e´ evidente há mais de cento e cinquenta anos, desde que neurologistas como Paul Broca e Carl Wernicke, descobriram correlação entre a linguagem e certas regiões do hemisfério cerebral. A neurociência cognitiva, através de sua federação avançou muito no conhecimento da memória e da linguagem. Esses avanços permitem repensar as questões da imagem, da linguagem, da memória e da história<sup>8</sup>. Não podemos deixar de referir Bergson<sup>9</sup> quando afirma

“é a nossa própria história que contamos a nós mesmos, um mito. Miller, analisa questões ligadas a subjetividade, revela muito da problemática da memória. Em se tratando da memória lembremos Santo Agostinho quando refere que a memória é o presente do passado. Ricoeur<sup>10</sup> no artigo: Entre memória e história afirma que Husserl complementa a afirmativa dizendo: isto na qualidade de passado imediato, é retido no presente. A memória, por outro lado, testemunha a continuidade temporal da pessoa. A memória, diz Agostinho, é o presente do passado. Isto, na qualidade de passado imediato, acrescenta Husserl, é retido no presente. Desta retenção se distingue, é verdade, a rememoração que dá o sentimento de distancia temporal mas é a continuidade entre presente, passado recente, passado longínquo que me permite remontar, sem solução de continuidade, do presente vivido até os acontecimentos mais recuados de minha infância. Finalmente, é na relação com a experiência do presente e do futuro que a memória contribui para o sentimento de orientação na passagem do próprio tempo. A noção agostiniana do triplo presente: presente do passado na memória, presente do futuro na expectativa e presente do presente no cuidado, confere uma expressão impressionante a este senso de unidade da experiência temporal para qual contribui a memória.

---

<sup>1</sup> BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Volume II, Séculos XIX e XX. Vila Nova de Guaiá: Edições 70, 1990, p. 16.

<sup>2</sup> PAZ, Octavio. *Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim de Esopo*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Elos, 1977. P. 79.

<sup>3</sup> PRIGOGINI, Ilya. *O Fim Das Certezas*. São Paulo: UNESP, 1996

<sup>4</sup> VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, p. 128

<sup>5</sup> MARTINS, Rui Cunha. *Fronteira, referencialidade e visibilidade*. In: *Estudos Ibero-Americanos*. Edição especial, Brasil 500 anos. Porto Alegre, EDIPUCRS, n° 1, 2000. P. 7-19.

<sup>6</sup> DAMÁSIO, António. *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2000. P. 17-52.

<sup>7</sup> DAMÁSIO, António. *O Erro De Descartes: Emoção Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Publicações Europa-América Ltda. 1995. P. 29.

<sup>8</sup> A desvalorização da imagem, não corresponde de modo algum ao papel que ela desempenha no campo das motivações culturais. As teorias que falam sobre a imagem, para Durand, destroem-na pois fazem uma teoria da imaginação sem imagens. No entanto, é preciso lembrar que Bergson postulou a existência de uma misteriosa intuição e assim permitiu transferir o espírito ao coração das coisas a fim de fundarem a sua unidade. Para Miller, (Arthur I. *Intuitions de Génie: images et créativité dans les sciences et les arts*. Paris: Flammarion, 1996, p. 369-370)<sup>ii</sup>, Bergson convidou todo mundo a viajar além do objetivismo e do tédio do reino enigmático, ‘balanço vital’. Esse foi o motivo que levou Miller a afirmar que o autor foi o filósofo dos artistas do início do século XX.

<sup>9</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. 290. No entanto, a gênese traçada pelas obras de Bergson<sup>ii</sup> revela que “*é a nossa própria história que contamos a nós mesmos, **um mito**, (grifo nosso) natural através do qual exprimimos o nosso acordo com todas as formas de ser. Não somos a pedra mas ela entra na nossa vida, se mexe, desenvolve seu íntimo, se revela a si própria através de nós. O que julgamos ser coincidência é coexistência*”.

<sup>10</sup> RICOEUR, Paul. IN: Projeto, 1996/1997 n° 248, p. 7 a 16.